

Economia "Governo mantém política que a realidade condena" 19

SANTIAGO — O Brasil atravessa uma grande crise econômico-financeira motivada pelos efeitos acumulados de sua dívida externa, pela recessão mundial, pelo desemprego e pela inflação. O governo brasileiro, no entanto, mantém uma política econômica que a realidade tem demonstrado não ser a melhor, afirmou, ontem, em Santiago do Chile, o diretor do Instituto de Ciência Política do Brasil, Hélio Jaguaribe.

Como especialista, Jaguaribe participou e foi expositor de um seminário organizado pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) sobre as relações externas do continente com os demais países do mundo, e afirmou que apesar dos pedidos dos empresários e da opinião pública brasileira, as autoridades do País negam-se a mudar o rumo de sua política econômica.

Hélio Jaguaribe disse, ainda, que no Brasil "temos um regime constitucional, com total garantia para as pessoas e com representação popular no Congresso. Jaguaribe culpou pela situação a escola econômica de Chicago, cujo maior expoente é o prêmio Nobel Milton Friedman. Situação que não prejudica só ao Brasil, mas a todos os países da América Latina.

Ao criticar a teoria da Escola de Chicago, Hélio Jaguaribe informou que não influenciou nos efeitos da crise econômica da região o tipo de governo das nações, mas "o grau de ortodoxia monetarista e essas loucuras que têm perturbado seriamente as economias latino-americanas nos últimos anos".

Afirmou que aplicar à região as

teses monetaristas foi o mesmo que aplicar **dogmas abstratos** que produziram a destruição das estruturas industriais de países como a Argentina, Brasil, Chile e México.

"Esse fenômeno pode ser produto de acomodação ou de camisa de força imposta a esses países pelo Fundo Monetário Internacional", disse o diretor do Instituto de Ciências Políticas do Brasil. Sobre a dívida externa, Hélio Jaguaribe afirmou que é "necessária uma renegociação global que considere o fato de que uma parte substancial dessa dívida seja transformada em assistência ao Terceiro Mundo e em investimentos que sejam responsáveis pelos ativos nacionais e não simplesmente pelo pagamento de uma dívida difícil de ser paga".

ALADI

O secretário-geral adjunto da Associação Latino-Americana de Integração (Aladi), Franklin Buitron, disse que a decisão brasileira de recorrer à negociação de acordos comerciais bilaterais, ao invés de utilizar a via multilateral, não significa de forma alguma a existência de uma crise na entidade.

"A atitude do Brasil estava dentro do previsível e não há na Aladi mais crise do que a atravessada pelos seus países membros", afirmou Buitron, que desmentiu as versões sobre a suposta saída do Brasil do organismo. O Brasil — acrescentou — mantém as correntes de comércio e espera que elas aumentem. Para ele, falar de crise é superdimensionar os fatos e as relações continuarão sendo incentivadas."